



O SISTEMA ECONÔMICO E A ESCOLA DOS NOVOS TEMPOS: A POSTURA DO GESTOR FRENTE À SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

César Neves¹

Jefferson Calixto de Araujo²

RESUMO: O sistema capitalista tem se mostrado de formas diferentes durante todas as revoluções burguesas até à sociedade moderna, ou por alguns especialistas denominando-a de sociedade pós-industrial. Onde esta demonstra ser a única opção para o desenvolvimento da humanidade, transformando o conceito de trabalho em algo árduo e indigno. O que faz com que as pessoas acreditem que “viver bem” é sinônimo de “vida boa”, com pouco trabalho e sendo-as ajudadas pelo Estado, e este por sua vez a se tornar vítima do sistema econômico, e visto pelas pessoas como o atenuador, ou o aquele que deve resolver os problemas requeridos pela sociedade, como a criação de empregos e o controle da violência urbana. Todavia a luta é cada vez maior para que as pessoas se tornem cada vez melhores, com a educação. A tentar apagar a velha concepção de que, - “só se vence na vida aqueles que são possuidores de bens materiais”. Entretanto, a proposta para uma escola inovadora nos dias de hoje requer que essa esteja em consonância com os interesses das camadas populares que melhor carecem de um crescimento pessoal. Em uma sociedade em as informações as bombardeiam de todos os lados, tornando o cidadão não somente uma vítima do modelo econômico, e sim, lesada por não ter conhecimentos críticos quanto às informações que se encontram desde uma mensagem em redes sociais à grande quantidade de gêneros literários existentes na vida de todos.

Palavras-chave: Gestão escolar, escola e capitalismo, gestão da informação.

¹ Mestre em Educação. Professor do curso de Pedagogia da Faculdade Don Domênico e Professor de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Cubatão, graduado em História, Pedagogia e Filosofia pós-graduada em Juventude e Educação Inclusiva..

² Graduado em Pedagogia.



ABSTRACT: The capitalist system has been shown in different ways during all bourgeois revolutions up to today's society, or by some experts calling it post-industrial society. Where this proves to be the only option for the development of humanity, transforming the concept of hard work into something and unworthy. What makes people believe that "living well" is synonymous with "good life", with little work, and being helped by the state, and this in turn to become a victim of the economic system, and seen by people as attenuator, or one that should solve the problems required by society, such as job creation and control of urban violence. But the fight is increasing so people become increasingly better with education. Trying to erase the old conception that, - "only wins in life those who are in possession of material goods." However the proposal for an innovative school today require that this is in line with the interests of the popular classes that best lack personal growth. In a society in which information the bomb on all sides, making the citizen not only a victim of the economic model, and yes, injured by not having critical knowledge regarding the information that is provided a message on social networking to the large amount of literary genres existing in everyone's life.

Keywords: School management, school and capitalism, information management.

Introdução

Este artigo se insere na área da Educação, dando referência a novas formas de se fazer gestão nas escolas públicas, que buscam por uma descentralização do poder e por um sistema democrático de participação. Com o intuito de se questionar a postura do gestor escolar, principalmente para que possa agir na realidade discente.

Com o objetivo de elucidar razões que explicitem problemas do modelo econômico e nas redes de informações, que devem ser repensados pela escola, para que não seja perene à nova demanda da sociedade capitalista.

Na busca de responder qual deve ser a postura do gestor escolar, para que o seu alunado não seja um produto do modelo econômico capitalista, a saber, lidar com a rapidez da informação, provindas de diferentes meios de comunicação.



Para Luck (2006, p.46) a concepção de gestão supera a de administração, porém não a substitui. Pelo fato de alguns acreditarem que só mudando a nomenclatura as práticas sociais também mudam, todavia tem de se acreditar que a postura frente a estas duas concepções tem seus papéis distintos. O que torna o papel do diretor estruturadamente discutível, por este ser uma das peças fundamentais para o bem funcionamento das instituições escolares.

1. Problemas pertinentes no capitalismo.

Entende-se capitalismo, por ser um sistema econômico que prioriza a lucratividade, agindo-o por três fatores. Primeiro, por ter um determinado grupo que são os detentores dos meios de produção; segundo, por serem os possuidores das tecnologias, e ou, técnicas de se produzir capital, por fim, por necessitarem da mão de obra do trabalhador, que a faz ser assalariada. Assim são relacionadas por necessidades mútuas. O que gera aos cofres destes proprietários, bens maiores do que aqueles que realmente sejam necessários à manutenção da sua forma de existência.

Novas formas de produções capitalistas são criadas devido a um sistema de aculturação chamado de globalização, o que leva vários países a uma padronização que se massifica, ou seja, determinados costumes são perpassados e inocuamente tomados na vida de um todo, nos hábitos de muitos na sociedade; tanto pelos meios de comunicação, como pelo mercado de produção. Onde se pode citar o ditado, - “só os fortes sobrevivem”.

Este modelo visa à subordinação da sociedade às leis que venham do mercado produtivo. O que acabam dando certa fragilidade ao Estado, pois de um lado os cidadãos esperam que, este atenuie as desigualdades e crie novas formas de empregos, quando na verdade, a grande disseminadora de mão de obra e de cargos, são as organizações privadas. Porém, estas não se relacionam com os interesses do Estado.

A questão é, se o Estado em si não é o grande criador de empregos, e sim, as empresas que prestam serviços, vendem produtos, ou qualquer atividade que gire o capital. As pessoas então são desvalorizadas, pois à medida que o mundo do material é valorizado, o homem é rebaixado, fazendo-o somente tentar sobreviver com o seu trabalho. Entende-se trabalho como



uma atividade essencial a sobrevivência humana, porém a questão a que se trata, é que, para quem se vale os interesses do trabalho?

No modelo capitalista, que visa a constante produção, os esforços dos trabalhadores, giram a economia, que acumulam o capital nas mãos dos donos dos meios de produção.

Estas proposições fazem com que o Estado crie programas de ajuda às camadas mais necessitadas. A grande questão é que, não dá para se mostrar eficiente tentando abafar os problemas. Quando na verdade o grande gerador destes problemas é o capitalismo “selvagem”.

Neste momento a escola tem o seu grande papel, na formação do alunado e nas perspectivas de mudança da escola, no que se refere a esta visão capitalista do preparo para a produção, que prolifera a quantidade do que produz como boa, ou má, deixando de lado os aspectos qualitativos da formação íntegra, onde todos tenham oportunidades, de desenvolverem diferentes potencialidades. Onde vez ou outra alguém se pega a dizer, - “a educação liberta”, ou – “só com educação de qualidade, uma sociedade consegue dar a volta por cima”. Não sendo leviano consigo mesmo, ao pensar que em um meio “selvagem”, o mais fácil é tentar “sobreviver”. Acredita-se que esta condição seja no mínimo garantida a todos os cidadãos. Pois, a pensar pelo lado da classe dominante, até mesmo o trabalho do professor é improdutivo, pois somente gera despesas aos cofres, sem gerar lucros materiais.

De outro lado, como as novas tecnologias e novos empregos são gerados a cada ano, profissões se extinguem e nascem a todo o momento. O que demanda da escola, uma constante mudança e adequação ao mercado, para que este alunado atenda as suas necessidades básicas de sobrevivência e adaptação.

Neste modelo econômico as empresas que pertencem ao Estado são privatizadas. Com uma impressão de que ganham mais qualidade, responsabilidade e eficiência. Erroneamente com os blocos econômicos e com o reforço da ampliação da total não intervenção na economia por parte dos Estados, este modelo ficou conhecido como neoliberal. O que em si, vem a causar empobrecimento das camadas desfavorecidas, a marginalizar e prejudicar as devidas políticas sociais.

Para Libâneo (2004, p. 47) todas estas mudanças econômicas afetam o sistema educacional como um todo, exigindo-se deste, a adequação aos interesses do mercado, para que seja investido na formação de profissionais que estejam mais preparados para as devidas



modificações no processo de produção. Pois estas pessoas afetam as organizações, e o perfil do trabalhador.

O que torna necessário para estas formas de produção, conseqüentemente os conhecimentos, as habilidades e as atitudes que estas pessoas devem ter, para que sejam qualificadas. Pois, algumas vezes na vida, este profissional, terá de estar preparado para mudar de profissão, o que aumenta o número de pessoas em trabalhos temporários, e ou, os desempregados; caso a escola não tenha consciência desta formação para este modelo econômico atual.

As pessoas são instigadas a um individualismo, dos quais as garantias sociais e os seus direitos sejam deixados de lado, para que o indivíduo sobreviva com o seu trabalho, sem a preocupação das pessoas sobre a vida de cada cidadão. Faz-se com que os que não conseguem sobreviver, formem o curso dos excluídos da sociedade.

Esta crise ética faz referências a interesses pessoais, vantagens e eficácias. Não dando enfoque a alguns valores que humanizam o homem como, a solidariedade, dignidade, justiça; democracia, e o respeito à vida. A escola então tem de repensar a formação de um indivíduo que consiga aceitar, e se relacionar com as diferentes etnias, em vista de um reconhecimento das diferenças e da busca por um capital cultural.

O modelo neoliberal mostra que a exclusão social é um sacrifício inevitável em um processo de globalização e modernização de uma sociedade. A educação deixa de ser um serviço e se transforma em mercadoria, havendo assim, uma escola boa de ricos e as escolas que formam a classe subordinada de qualidade duvidosa. A proposta para uma escola ética e política tem de seguir ao modelo técnica, científica e informacional. Uma escola contra a exclusão política, econômica, cultural e também pedagógica. Sendo técnica em vista das competências e habilidades que desenvolve para que esta pessoa progrida em suas potencialidades, podendo ter domínio necessário a utilizar às novas tecnologias a seu favor. A proposta científica é contra a alienação e o senso comum do dia a dia, dando subsídios a este aluno, para que compreenda o particular e o global, pois vez ou outra, em sua vida, ele precisará recorrer a um conhecimento universal, deixando de lado as particularidades de sua cultura, por exemplo, quando este aluno atravessa a rua, ele não necessita fazer cálculos da velocidade, espaço e tempo de colisão com o veículo em si, mas deve saber que é necessário à compreensão destas teorias para que se crie uma consciência pluralista, nos problemas que



venha a enfrentar diariamente. Por fim, esta escola deve ser informacional, pois com como se sabe, a demanda de dados e informações, juntamente com a globalização, pode deixar este aluno à mercê de seu cotidiano, acreditando e defendendo dogmas e até mesmo pontos de vista errôneos, sem a devida compreensão da ideologia que as palavras transpassam nos discursos dos gêneros da internet, televisores, revistas, jornais e etc.

2. O segredo está na gestão.

A gestão educacional em si, é um conceito novo que ganhou denominação a partir da década de 1990. A despeito de uma direção escolar, que vem atrelada principalmente ao sistema econômico pelo qual afeta a escola e a formação ideológica que é passada ao alunado. Na disposição e a abertura para a busca de participações e uma melhor qualidade do contexto escolar, ao qual está inserido. O gestor tem sua grande e importante parcela de atuação, pois recentemente as escolas da rede pública do Brasil tentam se adequar.

(...) Isto porque foi reconhecido como base fundamental para a organização significativa e estabelecimento de unidade dos processos educacionais e mobilização das pessoas voltadas para o desenvolvimento e melhoria da qualidade do ensino que oferecem. (LUCK, 2006, p. 33).

Nesta perspectiva a gestão aparece em contraponto com a concepção de administração. Ou seja, em termos gerais a gestão é oriunda por princípios democráticos que reconhecem a importância da participação, sendo-a consciente das tomadas de decisões. O que torna a comunidade ciente das razões pelas quais regem as decisões coletivas.

A concepção de autoritarismo vista pelo alunado e pelas camadas populares, refletem nem mais e nem menos que uma prática do modelo econômico, que observa no seu superior a autoridade máxima quanto às regras e às decisões constantes e centralizadas. Espera-se então, na nova mentalidade de administração, a autoridade com o seu compartilhamento e divisões dos papéis globais, nas decisões e nas criações de regras coletivas, sobre o planejamento e o direcionamento orçamentário da organização escolar.



Infelizmente a escola é uma reprodutora das classes que dominam e não dos dominados, entende-se aqui os dominados, e ou, os trabalhadores, como qualquer força física ou intelectual que seja vendida como meio de produção, para o acúmulo do capital no sistema.

A classe dominante não é aquela que tem interesses homogêneos em vista de todos, e sim aquela que têm interesses próprios, não levando em conta transformações reais, nestas classes rebaixadas. A iniciativa por melhores condições estruturais, educacionais ou mudanças da postura do gestor é muito mais voltada para como a comunidade enxerga esta escola, e pela sua conquista junto às camadas trabalhadoras.

Infelizmente essa escola é sim reprodutora de certas ideologias dominantes... É sim negadora dos valores dominados e mera chanceladora da injustiça social, na medida em que recoloca as pessoas nos lugares reservados pelas relações que se dão no âmbito da estrutura econômica. (PARO, 2003, p. 10).

Duas contradições na posição do gestor devem ser levadas em conta, para que se efetive a sua postura como um gestor descentralizador.

Primeiro o gestor é considerado de um lado a autoridade máxima no interior da escola, e isso lhe dariam uma grande liberdade e autonomia, o que realmente acaba se constituindo por ser o responsável no cumprimento da Lei e da Ordem na escola, em preposto ao Estado.

A segunda contradição corresponde a competências técnicas e ao conhecimento de práticas e métodos necessários, para a administração dos recursos da escola, pelo diretor. O que o torna a mercê das intempéries, pois a sua falta de autonomia e de contato com os escalões superiores para as solicitações de condições estruturais e concretas para a escola, se torna mínima e talvez escassa. Tornando-se uma quimera, os seus conhecimentos técnicos e métodos ao qual deveria desenvolver como um administrador organizacional.

Outra consideração a ser levada em conta, é o fato de a escola ser disponibilizada de recursos estruturais e didáticos, e destes não fazer os devidos usos. Podem-se observar escolas preocupadas somente em cumprir os dias letivos, deixando de lado questões pedagogicamente necessárias. Casos como professores a se privar de espaços para desenvolver atividades fora de sala de aula, por medo da burocracia de ter de “cuidar” dos alunos. Muitas escolas têm



laboratório de química, matemática e até mesmo auditório. Ou seja, a força de vontade e uma gestão de recursos humanos, junto a estes professores, lhes dando autonomia e incentivo, são muito mais essenciais do que um diretor ter medo de ocorrer algo de mal com algum aluno, e deste ter de responder formalmente por problemas que possam vir a ocorrer.

Se o diretor é impotente de conseguir recursos e melhorias para a escola por falta de autonomia, logo é a classe trabalhadora como usuária da educação, que fica privada dos direito de adquirir conhecimento e consciência crítica.

Significa que conferir autonomia à escola deve consistir em conferir poder e condições concretas para que ela alcance objetivos educacionais articulados com os interesses das camadas trabalhadoras. E isso não acontecerá jamais por concessão espontânea dos grupos no poder. (PARO, 2003, p.11).

Essa autonomia, e o poder nela conferido só se dará pela conquista das classes trabalhadoras. Para isto, é necessário à reorganização da autoridade conferida ao diretor, dentro da escola. A lembrar de que, o autoritarismo é o uso exacerbado do poder, quando do outro lado, a autoridade é o poder conferido a um gestor escolar pelo qual delibera e decide na abertura às decisões, junto à comunidade, parcerias, colaboradores e equipe administrativa. Por isto, é necessária a reorganização da autoridade no interior da instituição escolar.

O modelo de gestão oferecido pelo Estado tende a gerar uma direção autoritária, pelo fato de haver na escola uma hierarquia, e por ele ser o chefe que distribui e divide os diversos setores na escola. O que faz com que contribua para a imagem negativa que a ele é conferida, fazendo assim com que fomente a forma tendenciosa, na busca pelos interesses dos dominantes, dando-o esta aparência de poder, quando na realidade em nada corresponde com o que realmente deve ser.

Na deliberação e democratização do poder na escola, não se deve pensar que o diretor perde a sua posição de mandante, pois não se perde o que não se tem. O que deve ocorrer é a divisão de responsabilidades, e quando isto é feito, quem estará a ganhar é a própria instituição. Quando educadores, alunos, funcionários e pais estão dispostos nas decisões sobre os objetivos do funcionamento da escola, haverá então, melhores condições pelo qual



pressionará as políticas superiores, a dar a escola, autonomia e recursos. Nesta proposta, o Conselho de Escola se torna um grande poder popular a ser explorado.

Hoje, quando o diretor reivindica, é fácil dizer-lhe “não”. Tornar-se-á muito mais difícil dizer “não”, entretanto, quando a reivindicação não for de uma pessoa, mas de um grupo, que represente outros grupos e esteja instrumentalizado pela conscientização que sua própria organização propicia. (PARO, 2003, p. 12).

Então o autoritarismo na escola e conseqüentemente no Estado se dá de três formas.

1 – Quando o Estado se usa da máquina burocrática para que dificulte e deixe mais difícil o alcance dos direitos dos cidadãos.

2 – Quando há abuso da ordem administrativa de forma direta, em vista de um diretor centralizador do poder.

3 – E principalmente quando de forma especial o próprio Estado deixa de suprir a escola com os recursos que são necessários para o alcance dos objetivos traçados na educação.

Para isto é necessário, medidas institucionais como forma de pressão ao Estado. Na criação de uma associação de pais, grêmios estudantis, sindicatos, ou alguma outra entidade que defendesse os direitos escolares, tendo em vista a qualidade do ensino oferecido pela instituição.

Do contrário, se estas e outras medidas não forem tomadas, os grupos dominantes continuarão a fazer suas insignificantes reformas e as suas acomodações de interesses, continuando-os a dar soluções paliativas para os problemas, quando na verdade estas atitudes só fazem com que eles continuem nas suas linhas de conforto, na defesa de seus próprios interesses.

3. Só a escola sabe o que todos devem aprender na sociedade da informação? Ou todos são gestores de informação?

A sociedade da informação ou a sociedade pós-industrial classificada pela primeira vez por Peter Drucker em 1966 (apud COUTINHO; LISBOA, 2011, p. 06), veio



gradativamente de modelos anteriores como a sociedade da agricultura, depois a da indústria e desta para a prestação de serviços. De um lado o modelo informacional assume três características, a polifuncionalidade, flexibilidade e a descentralização das redes, se opondo ao modelo industrial com a tríade da padronização, especialização e a reprodução rígida, na cultura e na economia, destas sociedades. O que torna essa sociedade validada pelo sistema econômico na demanda das empresas que prezam pela qualidade de seus serviços, hoje agregam o termo de capital intelectual. Estas grandes empresas detentoras dos monopólios de produção, não é mais a indústria com suas grandes quantidades de produção em massa, e sim àquelas que se usam dos conhecimentos, habilidades e atitudes das pessoas. O que as torna, parceiros e contribuidores às organizações. Estas por sua vez, se tornam grandes disseminadoras de conhecimentos e de uma educação de qualidade com os seus, pois como visto anteriormente, a classe dominante defende suas ideologias e seus interesses, não iria fazer algo simplesmente para o agrado do colaborador. Mas sim para manter seus índices e indicadores de lucratividade sempre elevadas.

Mais uma vez estas organizações fazem usufruto da exclusão e da segmentação. Pois como se sabe, a escola deve promover aprendizagens, de forma a incluir a todos, enquanto do outro lado estas empresas selecionam e sentenciam os incapazes. Neste ponto, decai um determinado peso sobre a credibilidade da formação deste indivíduo, tornando-o agente de suas próprias competências, pois estas empresas vão demandar de mão de obra cada vez mais interessada e especializada.

Com o aprimoramento da qualidade dos usos das informações e destas tecnologias, as organizações selecionem e sentenciem cada vez mais a mão de obra, da qual se faz uso.

Os conhecimentos se distinguem das informações pelo fato destes se referirem às várias operações mentais, sendo as informações confrontadas com outras que sejam anteriormente armazenadas no processo de aprendizagem, assim conhecimento se dá pelas várias redes de significados provindas das diversificadas informações que estes sujeitos venham a ter do objeto de conhecimento ao qual tenha contato.

As informações também se diferem de dados, pois estas são elementos que estejam dentro das informações como letras, dígitos e números que em si, não transmitem nenhum conhecimento. Já quando as informações são trabalhadas pelas pessoas com o uso de recursos da computação, esta faz com que possibilite a criação de cenários, simulações e



oportunidades, que podem ser chamadas de conhecimento. Pois como se sabe, uma criança, já vem letrada e já possui contato com tecnologias desde muito cedo.

O professor Moretto (2006) toma uma posição quanto aos dados, a informação e o conhecimento, na resistência da escola quanto a se inovarem para sua demanda discente.

Na escola que chamamos de tradicional, o foco estava na acumulação de dados pelo aluno. Este precisava estudar e aprender muito, muito, muito. Este aprender significava ter muita informação disponível sem necessidade de consulta. Verifica-se isso pela forma como era feita a avaliação da aprendizagem. Provas feitas de preferência sem nenhuma consulta, onde eram cobrados nomes, fórmulas e definições. Os melhores alunos, nesse contexto, eram aqueles que mais dados eram capazes de guardar de cor. Talvez pudéssemos justificar este comportamento da escola pois naquele tempo não se tinham computadores para guardar estes dados e disponibilizá-los rapidamente. Mas hoje, parece que isso não se justifica mais. (MORETTO, 2006, p. 83-84).

Para que se tenha uma simetria entre estas proposições, o professor não pode somente saber navegar na internet ou possuir habilidades de se manusear softwares, mas, sobretudo, ter conhecimentos pedagógicos, para que este faça uma leitura criticamente elaborada das informações que se apresentam na maioria das vezes desorganizadas.

Para o aluno é essencial que transcenda o pensamento elementar e crie competências cognitivas para que alcance o pensamento crítico. Sabendo avaliar as informações, analisá-las, e que estabeleça relações, interligando-as, numa refragmentação e reconstrução contínua e cumulativa. O que em si faça com que haja uma reestruturação do conhecimento ao qual se anseia.

Considerando todas estas características do mundo atual, ainda existe um grande lugar para a escola técnica e da informação. Provendo funções que nenhuma outra instituição política possa fornecer. Como a formação básica em ler, escrever; a formação científica, ética e estética, e a um desenvolvimento de capacidades cognitivas e operacionais. Mas também, a



escola deve ser repensada, como o não monopólio do saber, pois a educação é dada na igreja, nos clubes, em casa e em qualquer outra atividade que este aluno exercite sua preparação física, cognitiva e social, o que faz com que haja constantes mudanças nos indivíduos envolvidos com as experimentações educacionais.

Está aí o poder da escola, em transformar todos os conhecimentos provindos externamente, para um saber elaborado por este aluno, transformando tudo em recursos dos quais servirão de mediações nas mãos do professor, dando-o a função insubstituível de prover possibilidades cognitivas, afetivas e sociais, que irão ajudar os alunos em suas buscas por significados no que tange suas aprendizagens.

Estas proposições fazem com que a escola e o professor resignifique o seu papel na educação. O professor então assume a função de dinamizador dos objetivos de aprendizagem, que deverão ser incorporados pelo aluno.

Na aula deve ser quebrada a relação vertical de ensino, onde o aluno deve estudar e obedecer ao professor. Todavia neste novo paradigma educador não pode ser mais um a ser isolado em seu componente curricular, ele deve ser o incentivador do aluno, para que este traga à escola as informações da sociedade que lhe é transmitida no cotidiano. E somente assim, ele associe o novo modelo de aprendizagem no mundo que vive.

O papel fundamental da gestão escolar, neste modelo econômico e na sociedade da informação, é o desafio de se praticar uma gestão que faça com que se fortaleça o exercício de uma escola criadora, inclusiva, dinamizadora, e fundamentalmente aberta. O que torna essencial a presença da gestão da informação, e dos recursos financeiros, pela abertura democrática, na quebra da burocracia das autoridades superiores, quanto a prover a esta escola os instrumentos de trabalho pedagógico, na manutenção do currículo, e dos programas e suas metodologias de ensino. Trazendo uma profunda e contínua formação dos professores para que cada vez mais adquiram competências necessárias.

Estas ações da gestão escolar farão com que o currículo seja um meio em si, e não um fim a ser atingido, devendo promover competências cognitivas, de forma a facilitar a análise e a inferência dos alunos nas soluções de problemas. Assim os alunos serão adaptáveis a mudanças saberão que, suas aprendizagens são contínuas, na criação de valores que sejam solidários na intervenção deste aluno à sua realidade. Pois aquele currículo que é rígido e que tem o intuito de disciplinar o alunado, deverá não estar mais no cotidiano escolar, o que,



todavia, as atividades dentro e fora da escola, serão cada vez mais curriculares, com uma inserção maior de projetos investigativos, como aqueles que sejam de produção do aluno e intervenção do professor.

As situações de aprendizagem só produzem então um conhecimento significativo, quando então o aluno vive e observa de forma espontânea. É onde se encontra o papel do currículo, na abertura para as experiências que existem fora do contexto de sala. Esta regra não é inovadora, mas se tornará cada vez mais importante, levando em conta a demanda da sociedade da informação.

A escola para novos tempos segundo Libâneo (2004, p. 52), deve ser um espaço de síntese, não se limitando a transmitir informações e conhecimentos didáticos. Ela é, pois, tudo que o aluno vivencia na sua cultura, o que venha a ocorrer com este, na rua, nas festas, nos pontos de encontros, na natação, na igreja, na família, no trabalho, etc., juntamente com a cultura formal, ao qual é o presente domínio dos conhecimentos e das habilidades do se fazer pensar.

O que se torna necessário na escola é o desenvolvimento destas competências cognitivas, pois os alunos devem criticar e analisar estas informações. Vão buscando na TV, no rádio, na internet, ou em qualquer outro meio de comunicação, e juntamente a escola ao lhe auxiliar com os devidos instrumentos conceituais, para que possam analisar estas informações e que as critiquem, dando então, um singelo significado pessoal e social.

A escola cria conhecimentos através das experiências dos alunos, dando-os aparato para um aprendizado solidamente deliberado. Fazendo então, uma junção da cultura formal, ou aqueles conhecimentos que foram sistematizados pelas informações, e tidos por experiências. Para tanto se vê a grande necessidade da escola articular a capacidade de reter estas informações e transformá-las em conhecimento, a considerar o aluno o sujeito desta transformação.

Considerações finais:

Nenhuma classe social, se pode dizer que sente, ou entende outra classe que seja diferente da sua. Pelo simples fato de que o real sentir se dá pelo filtro empírico das relações dentre os homens. O que somente deixa a entender que a experiência e o desconforto com sua



real condição, faça com que o homem saia de si e entre no outro, por valores essenciais a vida, como a empatia e o altruísmo. A buscar lutas por melhorias e por menos alienação, e injustiças.

Como se sabe no Brasil, quem nunca ouviu de um aluno de licenciatura a dizer que só exercerá sua profissão pelo fato de achar que nela ele trabalhará poucas horas no dia e que terá folgas o suficiente para seu descanso. O que na prática se transforma em uma miscelânea e em uma contradição, pois a lógica é que o professor trabalhe muito, na busca por métodos de ensino e que sempre reestruture os seus conhecimentos, a estudar e se renovar sempre.

Ora, se a lógica do desenvolvimento humano se dá pela construção dos conhecimentos historicamente passados das diferentes funções que o homem desempenha na sociedade. Como poderia então, esperar que um mau professor mude os males maiores, que estão centrados numa macro estrutura econômica?

Às vezes até mesmo a boa vontade e os conhecimentos de um gestor escolar, não dê conta de uma cultura interna com um olhar pessimista, e ou, que acreditam que o seu trabalho se restringe a meras funções compartimentadas. Deixando tanto o currículo, quanto o seu fazer diário, tão engessado, que a única flexibilidade que se vê na escola, seja os interesses das crianças em serem curiosas, ou por quererem ajudar aos professores.

Assim o gestor escolar deve ter uma postura descentralizadora e participativa com a comunidade escolar como um todo. Para que possa quebrar a burocracia do sistema, no intuito de conseguir junto a estas instâncias, verba necessária aos projetos e programas escolares. Para que esta escola possibilite aos alunos subsídios, no seu currículo, que como visto, deve ser cada vez mais transdisciplinar.

Um diretor escolar que centraliza o poder faz com que a escola tenha perdas inestimáveis, pois os professores que são progressistas são limitados no seu fazer diário. Contando sempre com a sorte de o diretor escolar aprovar ou não as propostas e as novas ideias que tenham sobre sua exímia e importante função, que é inovar sempre o seu jeito de fazer ensino, com projetos, e propostas de participação para a melhoria do colegiado.

Quando a escola é limitada pelo Estado, de ser suprida de recursos que façam manutenção das necessidades escolares, mais uma vez o nível de ensino decai. Pelo fato dos professores, se sentirem lesados em terem que inventar novas formas de se ensinar,



demandando de si, resiliência e tempo para criatividade em produzir materiais que auxiliem as aprendizagens discentes.

Espera-se que estas escolas tenham um Projeto Político Pedagógico ativo e inovador, com objetivos a serem traçados, tanto pelo alcance da participação de colaboradores como da comunidade, nas decisões escolares. A julgarem onde estão as maiores necessidades de melhoria da instituição. Não esperando que o Estado seja o modificador de tudo, e que este possa ser em si, um órgão preocupado. Entretanto nada adiantaria preocupações se em si ele seja limitado, ou até mesmo corrupto.

Se estas e outras medidas não forem tomadas na gestão escolar, a escola em si não terá sua infraestrutura suprida. Como classes multifuncionais, professores especialistas em educação especial. E outros problemas tanto grandes, quanto pequenos que uma instituição escolar venha a ter, e que em si demandem muito mais competências pessoais deste gestor, do que de um conhecimento técnico.

Portanto a escola no capitalismo tem de se mostrar eficaz, para que não se transforme em mera reprodutora deste sistema econômico, a negar os seus problemas, e simplesmente se reduzir em um senso comum coletivo. O que por outro lado, o seu conhecimento e assunção, como forma de responsabilidade social dar-se-á muito mais pela articulação entre escola e a comunidade, do que esperar que tudo se resolva por si só. O que torna a gestão escolar, uma prática inovadora e bem estruturada, e não uma simples mudança de nomenclatura do termo administração. Assim, ambas as concepções se articulam com a gestão da informação, pois são posturas estruturas e criadas pela globalização. No respaldo de um alunado crítico, no confronto de informações, que o façam participarem das decisões de seus rumos. Para que com estas ações a escola consiga “sobreviver”, estando-a constantemente formando, e reformulando o seu fazer gestão e educação.



Referências Bibliográficas

COUTINHO, Clara; LISBÔA, Eliana. **Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem**: Desafios para educação no século XXI. Revista Educação. Vol. XVIII, nº. 1, 2011. Acesso em 16 de maio de 2013. Disponível em. http://revista.educ.fc.ul.pt/arquivo/vol_XVIII_1/index.html.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: Teoria e Prática. 5ª Ed. Alternativa. São Paulo: 2004.

LUCK, Heloísa. **Gestão Educacional**: uma questão paradigmática. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

MORETTO, Vasco Pedro. **Prova**: um momento privilegiado de estudo não um acerto de contas. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática na escola**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003.